LUIZ GONZAGA DE MELLO
(1942-1989)

RUSSELL PARRY SCOTT
Universidade Federal de Pernambuco

O falecimento de nosso colega e amigo, Luiz Gonzaga de Mello (31/1/1942-28/12/1989), tira de nós a companhia de um profissional competente, dedicado e afável. Gonzaga envolvia as pessoas ao seu redor em conversas repletas de referências aos ditados do povo e de respeito e admiração pelas tradições do povo. Ele nunca perdeu as suas raízes nascidas nas tradições populares nordestinas, observadas e vividas desde a sua infância em Vicência, na Zona da Mata Norte, do estado de Pernambuco. Vicência servia como uma referência de orgulho para Gonzaga, sendo quando falava da participação de sua cidade na política, sendo ao lembrar do povo, da vida cotidiana e das tradições locais. Na sua vida profissional, Gonzaga manifestou a fidelidade às suas origens de muitas maneiras.

É importante destacar a profunda influência da religião católica na sua formação, tendo realizado estudos como seminarista em São Lourenço da Mata e no curso de Filosofia e Teologia da UNICAP, bem como realizado um curso de Teologia Dogmática em Roma. Como tantos outros antropólogos, deixou a carreira sacerdotal para dedicar-se à compreensão mais leiga da sociedade que as Ciências Sociais fornecem. No caso de Gonzaga, não reprimiu o catolicismo, apenas o complementou. Terminou a sua licenciatura em Ciências Sociais na própria Universidade Católica em 1971, ingressando logo depois na pós-graduação em Sociologia do PIMES (Programa Integrado dos Mestrados em Economia e Sociologia da UFPE), onde apresentou uma dissertação sobre "O Valor Heurístico das Teorias Sociológicas de Vilfredo Pareto".

Anuário Antropológico/89
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992

Nesta altura, Gonzaga já tinha uma longa carreira de estudos e de atuação profissional caracteristicamente antropológicos. Participou em várias pesquisas, entre as quais pesquisas sobre os índios Fulniô, sobre os cultos afrobrasileiros e sobre sincretismo religioso; estas duas últimas sob a orientação do professor José de Ligório Hesketh Lavareda. Além de suas valiosas contribuições ao curso no Colégio Técnico Manoel Borba da Comunidade de Mustardinha, e também aos cursos da Faculdade ESUDA e de pós-graduação em Saúde Pública da Fundação Osvaldo Cruz, a sua carreira de ensino se dividia entre a Universidade Católica de Pernambuco, onde ingressou como professor em 1972, dedicando-se ao ensino lá até 1986, e a Universidade Federal de Pernambuco, onde ingressou em 1977. As suas responsabilidades como professor híbrido de sociologia industrial e de antropologia cultural na Universidade Católica de Pernambuco em 1973 o tinham levado a elaborar um texto introdutório a Antropologia, com a assistência do professor Aluízio Sales.

A versatilidade de Gonzaga como professor é evidente no leque de disciplinas que ministrava, desde Sociologia Industrial, Sociologia Geral e Mudanças, e Desenvolvimento Social, até Antropologia Cultural e Teoria Antropológica. Não era um homem de fugir da responsabilidade sendo membro da comissão de orientação de monografias na UNICAP de 1978 a 1985, co-orientador da primeira dissertação do Mestrado em Antropologia e de diversas outras, orientador de vários trabalhos de conclusão de curso, membro de numerosas comissões examinadoras de dissertação e de seleção em mais que uma instituição, inclusive, em 1985, fazendo parte da comissão julgadora nacional da FUNARTE para o Prêmio Silvio Romero. Talvez um dos legados mais visíveis desta "responsabilidade assumida" é o texto "Antropologia Cultural: Iniciação Teorias e Temas" primeiro publicado em 1984 e já na sua quarta edição. Ele estaria empenhado numa revisão deste texto em preparação para a sua quinta edição. É um livro texto completo, elogiado por colegas da profissão em todo o Brasil e veio a preencher uma lacuna de textos introdutórios nacionais da antropologia. O entusiasmo e a dedicação com os quais desempenhava tudo que fazia, ainda lhe renderam numerosos convites como paraninfo de turma de formandos. Na ocasião de assumir a coordenação do curso de Ciências Sociais ele se expressou sobre o desafio que iria enfrentar, recorrendo ao ditado popular: "Dou um boi para não entrar numa briga, mas dou uma boiada para não sair dela". A sua atuação na coordenação foi de uma dedicação e direção corretíssima que às vezes o

colocava frontalmente em oposição a algumas práticas insidiosas cuja erradicação só podia trazer benefícios para o curso. Não se esquivou da briga, abria a questão, discutia e sanava o que dava para sanar. Certamente foi um extraordinário administrador, o que sempre é atestado pelos funcionários que trabalhavam com ele, pelos alunos do curso que reconheciam o interesse sincero e o esforço, e pelos colegas que compartilhavam a noção que o curso podia melhorar com dedicação séria à tarefa de educar.

Acima de tudo, o Gonzaga era um apaixonado pela cultura popular. Ele curtia o contato com o povo, pesquisava em favelas e durante folguedos populares, mantinha amizades e respeitava enormemente os criadores, portadores e reprodutores das tradições nordestinas.

A sua própria fala demonstrava constantemente este apego, citando com regularidade provérbios , contando piadas, e falando das figuras que conhecia. Ele estudou e publicou sobre a populaçào pobre do Recife, pesquisando assuntos muito diversos, incluindo índios, setor informal, saúde, seca, condições sociais e econômcias, folguedos e artesanato. Escreveu "A Vila do Apulso: Diagnóstico Social e Político de Ação Interventora" sobre a comunidade e o programa universitário de extensão da Universidade Católica e "Favela, Saúde e Cultura", sobre as condições de saúde dos moradores da Vila Skylab em Iputinga, "O Pastoril Profano de Pernambuco", junto com a Profa. Alba Regina M. Pereira e "O Artesão de Cerâmica em Pernambuco junto com R. Parry Scott. Em revistas profissionais pernambucanas ele demonstra a sua preferência para o estudo do folclore, publicando trabalhos intitulados "Folclore: Adagiário da Anatomia", "Tradição Oral e o Adagiário da Mulher", "Proverbios Italianos Correntes no Brasil", "A Tradição Oral a Bebida", "Estórias Mentirosas", "Mulher, Comparação e Machismo". Na preciosa biblioteca pessoal, na sala recuada de sua casa, onde se retirava para metodicamente dedicar-se aos seus estudos, numa atividade característica do folclorista dedicado, ele juntou em torno de uma dúzia de caixas de sapatos repletas de provérbios indexados por assunto, prontos para processar em arquivo eletrônico um valioso acervo que será preservado para pesquisadores de cultura popular no laboratório de pesquisa de Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Antropologia da UFPE. Nos últimos três anos ele iniciou um ciclo de simpósios sobre a cultura popular, resultando na publicaçào do primeiro volume intitulado "Cultura em Debate" (Edições Centauro, 1988) e estava ativamente preparando o segundo volume, sobre "A Contribuição do Negro

na Cultura Popular", e planejando o terceiro simpósio sobre a cerâmica popular, que tanto se destaca em Pernambuco. O sonho de Gonzaga era de fundar um Centro para o Estudo do Folclore na Universidade Federal de Pernambuco, equipá-lo com um laboratório e banco de dados e criar um acervo de peças que podia registrar e preservar as tradições nordestinas.

Tive o privilégio de trabalhar junto com Gonzaga na nossa pesquisa "O Artesão de Cerâmica em Pernambuco", trabalho em que, junto com Nizete Nascimento e Rachel Bastos, fizemos pesquisa de campo, lemos e discutimos muitos autores, coordenávamos os esforços da pesquisa, redigimos capítulos e editamos o trabalho conjuntamente. Foram quase dois anos de trabalho, realizado em intervalos de maior e menor intensidade. Gostaria de encerrar estas poucas palavras dedicadas à memória do colega, lembrando o homem.

Primeiro, ele sempre tratava todos com carinho, humor e respeito. Ele sempre tinha uma piada para fazer o ambiente ficar mais leve, mas nunca deixou de exigir de si mesmo e dos outros. Não faltava ao que marcava, tinha uma fidelidade ao que tinha combinado que chegava até a acanhar os outros na hora de procurar as suas desculpas quando faltava às horas marcadas.

Ele se empolgava com o objeto do estudo. Vivia falando e se preocupando sobre os destinos dos artesãos de Pernambuco que conhecera em Olinda, em Tracunhaém e em Caruaru. Sentia que ele assumia seriamente aquele compromisso de antropólogo de tornar-se amigo dos informantes, até o ponto de defender os seus interesses como se fossem dele. Ele não deixava passar detalhes e as discussões dentro da equipe foram tremendamente enriquecidas por esta participação.

Gonzaga não era dogmático, era pragmático. Se a descrição coubesse, se a análise se adequava à realidade, era isto que interessava. Não era ideólogo que levantava moinhos de vento de teoria para depois ver se podia lutar com eles. Queria resgatar, documentar, comunicar e colocar no papel o gosto de vida que ele sentia nestas pessoas.

Até durante o trabalho permeava a atuação dele o amor que tinha à sua própria família e às suas horas de "retiro familiar" no sítio que fazia pouco tempo que tinha adquirido em Jaboatão. Na sexta-feira falava do fim de semana que ia passar trabalhando no mato, consertando a cerca, cuidando dos coelhos, se informando sobre como iniciar outro tipo de criação, rece-

bendo visitas do seu irmão, Mello, do seu pai, Antônio, e dos outros parentes que gostavam de aproveitar a boa companhia dele e da sua família. Na segunda-feira falava sobre como tinha aproveitdo o fim de semana. Este ambiente familiar positivo foi tragicamente interrompido com a morte de sua filha Renata em julho de 1989. A tristeza invadiu Gonzaga, a sua resistência enfraqueceu, e num período de seis meses uma doença pulmonar levou o nosso colega. Nos últimos seis meses ele fez um esforço enorme para superar a perda sofrida, de reconstruir o próprio ânimo, o da esposa Edjanice e dos outros dois filhos, Catarina e André. Continuava coordenando o Curso de Ciências Sociais, conseguia terminar a editação da pesquisa sobre o Artesão de Cerâmica, orientava os alunos e se dedicava ao máximo à retomada das suas atividades diárias.

A Antropologia perdeu um grande amigo, um colega competente, um homem profundamente humano e um dos maiores estimuladores dos estudos folclóricos do Recife.

TRABALHOS PUBLICADOS DO PROFESSOR LUIZ GONZAGA DE MELLO

Livros

Introdução à Antropologia Cultural. Em co-autoria com Aluízio Sales Jr. Recife: Rota G. Guimarães, 1973. 133p.

Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987. 526 p. 1ª edição: 1982, 2ª edição: 1983, 3ª edição: 1986.

Cultura Popular em Debate. Organizador. Recife: Edições Centauro: 1988. 99p.

O Artesão de Cerâmica em Pernambuco. Junto com Russell Parry Scott, Nizete Nascimento e Rachel Bastos, Recife: UFPE/SUDENE 1990, 233p.

O Pastoril Profano de Pernambuco. Em co-autoria com Alba Regina Mendonça Pereira. Recife: Massangana/FUNDAJ, 1990.

Dissertação

O Valor Heurístico das Teorias Sociológicas de Vilfredo Pareto. Recife: dissertação apresentada ao PIMES, 1976.

Capítulos de livros

"A Cura na Tradição Popular: Considerações sobre um Projeto de Pesquisa". In *Sistemas de Cura: As Alternativas do Povo* (Parry Scott, org.). Recife. Mestrado em Antropologia, 1986. p. 177-188.

"A Tradição Oral e a Bebida". In *Antologia Pernambucana de Folclore* (M. Souto Maior e Waldemar Valente, Orgs.). Recife: FUNDAJ/Ed. Massangana, 1988. pp. 172-176.

Artigos em periódicos

"O Direito Natural e a Sociologia Jurídica". *Symposium* 16 (2): 83-93. Recife: UNICAP, 1974.

"A Propósito de uma Sociologia Nacional". *Symposium* 17 (1): 51-60. Recife: UNICAP, 1975.

"A Sociologia Industrial e sua Aplicação". *Cadernos da UNICAP*, Série CCS 1: 59-65. Recife, dezembro de 1978.

"Folclore: Adagiário da Anatomia". *Dantenotizie* ano 4 (1): 13-19. Recife: janeiro de 1979.

"Contribuição à História da Colônia Italiana em Pernambuco" (série de 9 artigos). *Dantenotizie* ano 4 (2/5 e 8/12). Recife: 1979.

"Provérbios Italianos Correntes no Brasil (Cultura Popular)". *Dantenotizie* ano 4 (5): 7-10. Recife: maio de 1979.

"Tradição Oral: O Adagiário da Mulher". *Dantenotizie* ano 4 (8): 11-19. Recife: agosto de 1979.

"Italianos no Brasil". *Dantenotizie* ano 4 (12): 18-20. Recife: dezembro de 1979.

"A Tradição Oral e a Bebida". *Dantenotizie* ano 5 (10): 2-7. Recife: outubro de 1980.

Estórias Mentirosas". Micromonografias. *Folclore* 129. Recife: FUNDAJ, dezembro de 1982. 4 p.

"Mulher, Comparação e Machismo". Micromografias. *Folclore* 163. Recife: FUNDAJ, outubro de 1985. 4 p.

Relatórios de pesquisa

"Notas Etnográficas: Os Índios Fulniô de Águas Belas". *Symposium* 18 (2): 70-96. Recife, 1976.

"A Vila do Apulso: Diagnóstico Social e Política de Ação Interventiva". Juntamente com as Profas. Francisca Rochelle e Rosa Amorim do Nascimento. *Symposium* 22 (1): 132-213.

Recife: UNICAP, 1980. E a segunda parte do relatório em *Symposium* 22 (2): 61-137, 1980

"Favela, Saúde e Cultura". Relatório de Pesquisa para o CNPq. Recife: UFPE/DCS, 1988.

Trabalhos escritos apresentados em eventos científicos

"Religiões Populares do Nordeste Brasileiro". 1º Ciclo de Estudos dos Temas Religiosos, patrocinado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA), em 1.11.76.

"Fatores Antropológicos do Alcoolismo". 3ª Semana de Estudos sobre Alcoolismo e Seus Aspectos Comunitários, promovida pela Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco.

"Considerações em Torno de um Projeto de Pesquisa". Simpósio Sistemas de Cura: As Alternativas no Recife. Mestrado em Antropologia/UFPE, de 26 a 28 de maio de 1986.

"A Medicina e o Médico na Boca do Povo". Simpósio Sistemas de Cura II. Mestrado em Antropologia/UFPE, de 9 a 11 de novembro de 1987.

"Cultura Popular e Universidade". Simpósio de Cultura Popular, em 3/8/87.